

Eu Quero Ser um Cara no Mundo da Vida: luta de um homem trans por reconhecimento*Quiero Ser un Chico en el Mundo de la Vida: la lucha de un hombre trans por el reconocimiento**I Want to be a Guy in the World of Life: a trans man's struggle for recognition***Davi Miranda**

Resumo: Este artigo resulta da dissertação de mestrado intitulada: *Percurso e Reconhecimento da Identidade Psicológica de homens trans*, apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Pará, linha de pesquisa Fenomenologia: Teoria e Clínica. Recorta-se um estudo de caso composto em base a narrativa de um dos participantes, a respeito de sua experiência, enquanto homem trans, com o objetivo de situar o desejo por reconhecimento e as estratégias de ajustamento utilizadas por este sujeito para obter o reconhecimento social no gênero masculino. O estudo baseia-se epistemologicamente na obra de Paul Ricoeur, *Percurso do Reconhecimento*. Conclui-se que compreender a construção das identidades transmasculinas é um caminho para o reconhecimento da vivência de si e da experiência de reconhecimento do outro e para o outro.

Palavras Chave: Transexualidade. Reconhecimento. Pesquisa Qualitativa.

Resumen: Este artículo es el resultado de la tesis de maestría titulada: *Camino y Reconocimiento de la Identidad Psicológica de hombres trans*, presentada en el programa de posgrado en Psicología (PPGP) de la Universidad Federal de Pará, línea de investigación Fenomenología: Teoría y Clínica. Se corta un estudio de caso a partir de la narrativa de uno de los participantes, respecto a su experiencia, como hombre trans, con el objetivo de situar el deseo de reconocimiento y las estrategias de ajuste que utiliza este sujeto para obtener el reconocimiento social en el género masculino. El estudio se basa epistemológicamente en la obra de Paul Ricoeur, *Path of Recognition*. Se concluye que comprender la construcción de identidades transmasculinas es una forma de reconocer la experiencia de sí y la experiencia de reconocer al otro y para el otro.

Palabras Claves: Transexualidad. Reconocimiento. Investigación Cualitativa.

Abstract: This article is the result of the master's dissertation entitled: *Path and Recognition of the Psychological Identity of trans men*, presented to the postgraduate program in Psychology (PPGP) at the Federal University of Pará, research line Phenomenology: Theory and Clinic. A case study is cut based on the narrative of one of the participants, regarding his experience as a trans man, with the objective of situating the desire for recognition and the adjustment strategies used by this subject to obtain social recognition. in the masculine gender. The study is epistemologically based on the work of Paul Ricoeur, *Path of Recognition*. It is concluded that understanding the construction of transmasculine identities is a way to recognize the experience of oneself and the experience of recognizing the other and for the other.

Keywords: Transsexuality. Recognition. Qualitative Research.

INTRODUÇÃO

1. Dos Estudos de Gênero às Masculinidades

A compreensão das identidades transmasculinas requer um estudo prévio acerca dos conceitos de gênero, masculinidade e transmasculinidade. Considerando-se que os significados das palavras podem apresentar vários sentidos, carregar e transmitir várias ideologias (RICOEUR, 2006), iniciamos nossa análise em um estudo lexicográfico dos termos gênero e masculinidade, depois os situaremos no contexto sociocultural.

Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, gênero é definido como: “(1) grupo de espécies que entre si tem certas analogias; classe; modelo; gosto; feitio; maneira; modo; qualidade; modo; força; calibre; estilo; propriedade de alguma classe de palavras, notadamente substantivos e adjetivos, que apresentam contrastes de masculino, feminino e por vezes neutro que podem corresponder a distinções baseadas nas diferenças de sexo” (DICIONÁRIO AURÉLIO, versão digital).

Situando o conceito de gênero no escopo dos estudos feministas, podemos compreendê-lo como uma categoria analítica criado para denunciar a opressão feminina e para evidenciar as desigualdades entre homens e mulheres, sobretudo, para compreender “as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75). Esta aceção foi desenvolvida, principalmente, com o objetivo de salientar o caráter social e cultural da diferença entre homens e mulheres, a fim de rejeitar todo e qualquer sistema de diferenciação baseado no sexo ou na natureza. As teóricas feministas buscaram, desta forma, trazer a compreensão de que a mulher é alvo de uma opressão ideológica, portanto, de origem cultural, que baliza a sua “inferioridade”, ao passo que legitima a dominação e a ideia de superioridade masculina (SCOTT, 1995).

Para a pesquisadora e transfeminista Jaqueline Gomes de Jesus (2013), gênero pode ser compreendido como uma atitude individual frente aos construtos sociais, através dos quais os sujeitos se identificam como homens ou mulheres. A identidade de gênero relaciona-se ao modo como os indivíduos se percebem e são percebidos como integrantes de um grupo social de acordo com as concepções de gênero estabelecidas e compartilhadas, bem como através de seus sistemas de significação e de representação cultural.

Os estudos de gênero também propiciaram a criação de um novo campo de estudos até então jamais problematizado: o campo das masculinidades. Por muito tempo, o termo homem esteve no centro de todas as discussões de cunho antropológico, entretanto, este era utilizado no sentido de ser humano universal. O homem enquanto gênero masculino foi construído numa lógica de oposição ao feminino, criando-se uma visão universalizante do homem, que o colocaria como o detentor do privilégio, viril, dominante. A partir deste momento, os estudos de gênero passaram a considerar os deslocamentos entre corpo e sexualidade, corpo e subjetividade, corpo e as performances de gênero. As diferenças sexuais, portanto, passaram a ser compreendidas através de fatores relacionados à cultura, identidade e relações de poder que decorrem delas (BENTO, 2006).

O termo masculinidade, segundo o Dicionário Aurélio, refere-se ao atributo do masculino; másculo. Miguel Vale de Almeida (2005) acentua que o conceito de masculinidade emerge do campo da pesquisa social, iniciada no contexto anglo-saxônico, para dar conta da polissemia da palavra *homem* (*man*), que ao mesmo tempo é capaz de nomear o macho da espécie e à própria espécie humana. Já no verbete homem/homens (*man/men*), empregado como substantivo comum, a

polissemia se apresenta quando o termo é utilizado para se referir tanto às características biológicas e sexuais do indivíduo quanto à sua identidade gênero. Desta forma, o termo masculinidade foi utilizado para delimitar os atributos culturalmente específicos envolvidos na construção de uma identidade social, baseada em uma divisão binária de gênero.

Connell (1995) criticou a concepção naturalista da masculinidade, definindo-a como fruto de uma construção sócio-histórica, mutável e relacional. O papel social masculino foi questionado por Connell (1995), visto que, em seu entendimento, o referido conceito não se sustenta tanto em termos científicos quanto em termos práticos, já que não nos permite uma compreensão de questões relacionadas ao poder, à violência ou à desigualdade material, existentes no interior das relações de gênero que produzem as masculinidades.

Na concepção moderna, a masculinidade é compreendida com o termo que abrange todo um campo conceitual na estrutura dos estudos de gênero e sexualidade, através do qual se pode compreender os significados culturais que enquadram um indivíduo no que ideologicamente se compreende como homem, produzindo uma essência do ser homem. Esses significados são perpetrados na cultura através de complexos processos metafóricos – e de certos pontos ritualísticos – aplicáveis a diversas áreas da interação humana e da vida social destes indivíduos (VALE DE ALMEIDA, 2005).

No contexto das masculinidades trans, podemos afirmar que esta temática constitui um campo muito recente nas Ciências Humanas, incorporado aos estudos de gênero e sexualidade somente nos últimos dez anos do século XX, impulsionados, sobretudo, pela crescente visibilidade política e social dos movimentos organizados de homens trans, pela popularidade de militantes transmasculinos nas redes sociais e pela apropriação da temática pelas mídias (AVILA, 2014).

É válido ressaltar que a produção de conhecimentos científicos a respeito desta temática ainda se encontra sob o domínio, regulação e controle de um enfoque binário da sexualidade, produzido nas sociedades *cisnormativas*, por muitas vezes fundamentado em uma perspectiva patologizante – reiterada pelos discursos jurídicos, médicos e psicológicos –, na qual a ideia de normalidade está obrigatoriamente relacionada ao corpo e à subjetividade dos indivíduos cisgêneros.

Transmasculinidade refere-se à experiência subjetiva de indivíduos que, tendo recebido uma designação sexual feminina, se identificam psicologicamente com o gênero homem, reivindicando para si o reconhecimento social no gênero masculino. As identidades transmasculinas representam identidades múltiplas, não fixas, cultural e localmente diferenciadas umas das outras a partir dos marcadores de classe, raça, orientação sexual e origem. Ademais, podem apresentar múltiplas expressões e apresentar múltiplos significados conforme a vivência de cada um destes sujeitos.

2. A Subjetivação Masculina

Antecede a compreensão das dinâmicas transmasculinas o esclarecimento dos processos de subjetivação masculinas. Aceitando-se que a masculinidade se constituiu como dispositivo ideológico, podemos compreender que ela se instituiu na forma de uma normatização de condutas que definem os papéis de gênero. Neste sentido, a socialização é o instrumento através do qual os valores da masculinidade são internalizados na práxis social, assumindo diferentes configurações nas

diferentes classes sociais, nas diferentes culturas, nas diferentes instituições e nas diferentes relações com outros gêneros e com outras masculinidades (BRITO; DE PAULA, 2013).

Connell (1995) ressalta ainda que existe uma série de narrativas que constroem as masculinidades. Estas narrativas irão definir a conduta e os sentimentos apropriados para os homens, pressionando-os a agir, a sentir e se expressar de uma forma que se distancie radicalmente de qualquer traço de feminilidade. A internalização dessas normas é realizada a partir de um dispositivo denominado socialização, a socialização refere-se ao processo de aprendizagem social pelo qual assimilamos os comportamentos sociais considerados adequados ou não (SAVOIA, 1989)

Pimentel (2008) assinala que homens se tornam homens na e pela convivência com outros homens e com mulheres, destacando a participação de figuras significativas para a construção dessa identidade masculina: um avô, um pai, um ídolo etc. Ressalta-se também a participação feminina na transmissão de aprendizados através da socialização, visto que, no contexto familiar, as mulheres tradicionalmente assumem a função de cuidadora e educadora dessas crianças (SAFFIOTI, 1997).

Neste sentido, os indivíduos nascem rigorosamente assinalados como machos ou fêmeas e, a partir da educação que recebem, se tornam homens ou mulheres. Saffioti (1997) defende ainda que o processo de socialização masculina é orientado a partir de uma ideologia machista que privilegia o homem, ao considerá-lo superior à mulher, mas também exerce uma influência negativa nos meninos ao transmitir valores como “homem não chora”, que, a longo prazo, podem provocar a inibição de sua sensibilidade, sob o risco de serem considerados femininos ou, a rigor, menos homens.

Pimentel (2008) evidencia que o caráter da socialização de homens por muito tempo foi fortemente orientado a reprimir a subjetividade masculina, forçando os homens, desde a infância, a reproduzir uma lógica masculinista, baseada na força, no domínio, na competição e no machismo, sufocando todas as inclinações ao que socialmente é atribuído ao universo feminino como a sensibilidade, as emoções, a delicadeza e etc. Considerando-se este antagonismo, podemos perceber que a identidade masculina se constrói a partir da diferenciação em relação ao feminino, conforme evidencia Pimentel:

Em uma perspectiva histórica, defende que ser homem no século XIX significava não ser mulher, mas jamais ser homossexual. Portanto, a forma de se vestir, de andar, a maneira de se comportar, a entonação de voz eram caracteres que os distinguiam. (PIMENTEL, 2011. p. 21).

Considerando-se que no contexto das experiências transmasculinas na construção de masculinidade, observa-se que ela se dá de maneira diferenciada da construção da masculinidade cisgênera¹. A iniciar pela socialização recebida, que é incongruente à própria percepção de gênero, mesmo que a tomada de consciência da identidade de gênero, ou epifania de gênero² tenha se dado em um momento posterior, até mesmo na idade adulta, ou que essa percepção tenha sido tolhida por um período significativo de suas vidas.

¹ Cisgênera(o): o termo cisgênero foi cunhado por Carl Buijs, homem trans e transfeminista holandês, para designar pessoas que não são trans, ou seja, para se referir a pessoas cuja identidade de gênero está em conformidade com o sexo/gênero que lhe foi atribuído ao nascer, aos indivíduos não-trans (LEONARDO; ATHAYDE; POCAHY, 2017).

² Epifania de gênero, de acordo com Denzin (1989), refere o momento decisivo na vida das pessoas transgêneras, através do qual tomam consciência de sua real identidade de gênero. Deste modo, o termo representa o momento de autodescoberta enquanto sujeitos pertencentes ao gênero oposto à designação recebida no nascimento (JESUS, 2013).

3. A Subjetivação Transmasculina

Ao longo da história da humanidade, as identidades de gênero não normativas sempre existiram, embora, desta população, apenas poucos indivíduos tenham excepcionalmente saído da penumbra, enquanto a maioria tenha permanecido na invisibilidade social, política e cultural. Somente no século XXI, devido à crescente atuação dos movimentos pelos direitos LGBT, estes grupos puderam quebrar a lógica desta invisibilização e marginalização compulsórias, ampliando a circulação social de pessoas trans. Por este motivo, a transgeneridade é considerada como um fenômeno contemporâneo (PIMENTEL; CASTRO; MIRANDA, 2018).

As transmasculinidades somente ganharam visibilidade no Brasil a partir de 2010, através da atuação dos movimentos politicamente organizados de homens trans – como a Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), criada no ano de 2012, e o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), criado no ano de 2013 – e a crescente visibilidade de homens trans militantes, dentre os quais destaca-se a figura do psicólogo e escritor João W. Nery, autor de “Viagem Solitária”, livro autobiográfico que se constituiu como um marco teórico na produção literária de homens trans no Brasil (ÁVILA, 2014).

Homens transgêneros, homens transexuais, transexuais masculinos, transmasculinos, trans-homens, FTM's ou simplesmente homens trans. Muitas são as denominações utilizadas para se referir ao grupo diversificado de indivíduos inseridos em diferentes contextos sociais e culturais que, segundo Almeida (2012), no momento de seu nascimento foram assignados como corpos femininos e que tiveram o gênero (impositivamente) reiterado através do processo de socialização, mas que de alguma forma se opõem a essa assignação.

O reconhecimento social do indivíduo como homem é sustentado por meio de habilidades discursivas e corporais compreendidas como naturais. A masculinidade, portanto, se apresenta tanto como uma expressão, como prática e como materialização do discurso (FOUCAULT, 1988). Dessa forma, podemos compreender que o reconhecimento da masculinidade se estabelece, se valida e se revalida a partir de uma matriz cisgênera e heterossexual, que desnaturaliza e desumaniza outras formas de expressão que não estejam incluídas dentro desta matriz.

As masculinidades trans, bem como as masculinidades cisgêneras, possuem uma infinidade de expressões ou “matizes”, como nomeia Almeida (2012). Mas, diferentemente das masculinidades cisgêneras, tomadas como naturais de acordo com o sistema sexo-gênero, as masculinidades trans ou transmasculinidades se constroem num processo de reconhecimento que inicia no reconhecimento de si e culmina no reconhecimento do outro.

As identidades transmasculinas representam identidades múltiplas, não fixas, cultural e localmente diferenciadas umas das outras a partir dos marcadores de classe, raça, orientação sexual e origem. Ademais, podem apresentar múltiplas expressões e apresentar múltiplos significados conforme a vivência de cada um destes sujeitos.

Considerando-se esta diversidade, Almeida (2012) etnografou quatro grupos de pessoas assignadas femininas ao nascimento e que se identificam total ou parcialmente com o espectro das masculinidades, sendo eles:

- 1) O primeiro refere-se ao grupo de pessoas que, embora se identifiquem com as masculinidades, que tenham uma expressão de gênero masculina, que utilizem um nome ou pronomes masculinos para se referir a si mesmos, se definem como mulheres. Seja por questões familia-

- res, por fatores subjetivos, objetivos e sociais (família, trabalho, sustentação econômica etc.).
- 2) O segundo grupo é formado por indivíduos que, mesmo se definindo e se expressando cultural e socialmente como homens, exercem a escolha de não aderir a modificações corporais, sejam elas cirúrgicas ou hormonais.
 - 3) O terceiro grupo é formado por indivíduos que constroem performances públicas em que os gêneros fluem livremente; podem fazer uso de roupas, acessórios e calçados masculinos ou femininos, cortes de cabelo andróginos e até uso de dois nomes sociais (um masculino, outro feminino). Sua expressão de gênero é política e representa uma insatisfação com o binarismo dos gêneros e/ou com a heteronormatividade. Eles explicitam o desejo de modificações corporais, desde que satisfaçam às próprias expectativas de gênero.
 - 4) O último grupo é composto por aqueles indivíduos que se expressam através da categoria identitária homem trans, e são aqueles que:

[...] fazem e/ou desejam fazer modificações corporais através da hormonização por testosterona e de uma ou mais intervenções cirúrgicas, além de se valerem em larga medida de outros recursos sociais (roupas e calçados masculinos, faixas torácicas – a fim de dissimular o volume dos seios – e próteses penianas de uso público). Buscam também freqüentemente o reconhecimento jurídico do sexo e do nome masculinos e têm se tornado mais visíveis na cena pública brasileira, em função do processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), que favorece o acesso a modificações corporais de alta complexidade. Tais indivíduos já se expressavam de forma diferenciada antes da existência do processo transexualizador, distinguindo-se de maneira mais ou menos sutil da identidade lésbica. (ALMEIDA, 2012 p.516)

Garcia (2015) afirma que as masculinidades, hegemônicas ou não, se inscrevem no sistema sexo-gênero a partir do que Butler (2003) denomina de “matriz heterossexual”, de modo a legitimar a opressão às mulheres através de um sistema ideológico que defende a diferença a partir dos marcadores biológicos. No entanto, a transmasculinidade desestabiliza este sistema quando promove a desnaturalização do sistema sexo-gênero, ao sustentar que tanto o sexo quanto o gênero se constroem social e culturalmente. Deste modo, o reconhecimento da masculinidade trans se dá a partir da compreensão da heterossexualidade como um elemento constitutivo de identidade.

O desejo pelo gênero oposto se apresenta como um indicador de legitimidade e/ou coerência ao gênero transmasculino, promovendo a invisibilização de homens que vivenciam a sua sexualidade de maneira diversa. Um fenômeno semelhante pode ser observado nas construções de masculinidade cisgêneras, quando homens não heterossexuais são considerados menos homens que os demais, portanto, subalternos. A subalternização das masculinidades não cisgêneras, não heterossexuais e não brancas se consolida através de um complexo sistema de reiterações, dentre as quais se destaca o papel da linguagem. Bento (2006) afirma que a linguagem cria e localiza os sujeitos trans a partir de suas vivências e experiências, possuindo a capacidade única de criar realidades, de produzir sentidos e de reiterá-los através do discurso.

Na construção das transmasculinidades, a linguagem desempenha um papel fundamental na construção destas múltiplas experiências identitárias. Gaspodini e Nery (2014) evidenciam que estas diferentes nomenclaturas revelam características identitárias diversas na experiência transmas-

culina, por exemplo: o termo homem trans ratifica o sujeito “o homem” adjetivado pela partícula trans que o qualifica e o diferencia dos demais homens em sua experiência e sua vivência. Nesta construção, a identidade homem é a mais importante, sendo a identidade trans uma identidade acessória, logo, podemos enquadrar também as categorias homem transgênero e homem transexual, sendo que, para os primeiros, a autoidentificação enquanto transgênero revela o caráter social da experiência de gênero, assim, o sujeito autoidentificado como transgênero revela não se adequar às normas do sistema sexo/gênero. Já o termo transexual apropria-se da nomenclatura médica para identificar aqueles que não se enquadram ao sexo biologicamente assinalado.

No termo trans-homem, no entanto, a partícula trans se apresenta como um prefixo à identidade homem. O termo revela que a experiência trans se liga à identidade homem, dando origem a uma nova identidade que se constrói alheia ao binarismo de gênero. Entretanto, no termo transmasculino, a categoria homem é suprimida, evidenciando uma transexperiência masculina, mas não necessariamente pertencente ao gênero binário homem. O termo FTM (do inglês: *female to male*) dá ênfase ao processo de transição corpórea, hormonal e cirúrgica, de um sexo/gênero a outro. Podemos concluir que, discursivamente, a adoção do termo FTM revela a compreensão da identidade masculina como um destino, um objetivo a ser alcançado.

Diferentemente do que ocorre entre as masculinidades cisgêneras, não se observa entre os sujeitos transmasculinos a presença de um sistema de subalternização entre as suas múltiplas expressões de gênero ou da sexualidade. De modo que os termos homem transgênero, homem transexual, trans-homem, homem trans, transmasculino ou FTM são igualmente aceitos entre a comunidade trans. Embora seja possível reconhecer que alguns destes sujeitos possam reproduzir a lógica patriarcalista e heterossexista do sistema dominante.

Os significados de masculinidade apropriados pelo participante, adquiridos através de sua vivência, compreende a masculinidade como um sistema de opressão e de vigilância de gênero, através do qual os homens (notadamente cisgêneros, brancos e heterossexuais) exercem domínio sobre mulheres e outros homens, conforme expressa na narrativa:

Eu entendo a masculinidade como um padrão de comportamento que é imposto por um sistema de controle, uma forma de dominação do homem pra mulher e do homem pra outro homem também, do homem hétero pro homem gay, trans e etc. é como se fosse, sei lá uma medida que vai definir quem é e quem não é homem de verdade.

Eu meio que comparo esse sistema com o papo dos animais que tem o macho alfa, o beta e o ômega e cada um deles tem a sua função e os seus privilégios dentro de um bando, da mesma forma a gente vê o homem cis e hétero, como alfa, tendo um monte de privilégios, ocupando certos lugares os homens que se encontram fora desse padrão de masculinidade, ocupam o lugar do beta, que é aquele cara que tá sempre ali perto do alfa, tentando conseguir uma oportunidade de tomar o lugar dele e exercendo o poder dele sobre os mais fracos. Os (homens) trans já ocupam uma outra posição, de inferioridade em relação aos outros dois, são considerados fracos e são tratados como menos machos. (Lucca, 27 anos)

As masculinidades trans se inserem neste sistema de controle, mas o significado psicológico desta masculinidade se refere sobretudo à experiência de ser homem e ao reconhecimento social desta identidade. Conforme expressa Lucca, no trecho:

Ser homem significa ser eu mesmo. Significa, no meu caso liberdade. (...) Ser homem me trouxe liberdade, liberdade de ser quem eu sou, de me gostar, de fazer o que eu quiser, de estar onde eu quiser. (Lucca, 27 anos)

4. Metodologia

Relato de pesquisa qualitativa fenomenológica hermenêutica constituída por análise da bibliografia levantada sobre os estudos de gênero, masculinidades e transmasculinidades no período de 2007 a 2020, utilizando-se das bases de dados da *Scientific Electronic Library Online* e a plataforma *Google Acadêmico*. As palavras-chave utilizadas nesta etapa da pesquisa foram: Estudos de gênero, transexualidade, transgeneridade, masculinidades, transmasculinidades, fenomenologia, identidade, análise do discurso e reconhecimento.

Durante a coleta de dados, foi possível perceber que a literatura acadêmica ainda desprivilegia os estudos sobre homens trans, ao considerarmos a baixa incidência de artigos acadêmicos sobre as masculinidades trans, que representam cerca de 38% da produção acadêmica a respeito da transexualidade. Outra observação importante refere-se à forte presença do estigma da patologização das identidades trans no mundo acadêmico, que atenta diretamente contra a dignidade e autonomia destes sujeitos. Notamos ainda que alguns artigos, sobretudo da área de Saúde, utilizam equivocadamente os termos transmasculinidade ou homens trans para se referir a experiência de mulheres trans e travestis. Foram encontradas também publicações que associavam a transexualidade a uma psicose, a fetichismo ou parafilias.

Após o levantamento da base bibliográfica, realizamos uma entrevista com análises em diálogo as proposições sobre análise do texto, considerando a obra de Paul Ricoeur (2006). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, de acordo com o parecer número: 3.579.909/2019. Por tratar-se de pesquisa com seres humanos, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme os aspectos éticos instituídos na Resolução N°196/96 versão 2012 do Conselho Nacional de Saúde, e os critérios de inclusão foram autoidentificação como homem trans; ser maior de 18 anos; estar em processo de transição de gênero e que, preferencialmente, tenha iniciado a terapia hormonal; ser socialmente reconhecido como homem trans em âmbito público ou privado; residir no município de Belém-PA; assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e como critérios de exclusão: transmasculinos de identidade não binária ou que não se definam a partir de uma identidade de gênero exclusivamente masculina e homens trans que ainda não tenham reconhecimento social no gênero masculino, ou seja, aqueles que, no âmbito social, ainda não tenham assumido uma identidade masculina.

Apresentamos a narrativa de um participante que foi convidado por meio das redes sociais, via chat e, posteriormente, em uma ligação telefônica. Ele participa de eventos de movimentos sociais. Após informá-lo sobre os objetivos da pesquisa, aceitou participar e assinar o TCLE. Com isso, marcamos a entrevista gravada em áudio, realizada anteriormente à pandemia de COVID-19, na sua residência.

Os parâmetros foram: autodescrição; memórias da sua infância e da adolescência; percepções sobre seus sentimentos e as normativas de gênero de nascimento; processo de reconhecimento da sua identidade masculina; referenciais de masculinidade da construção de sua identidade de gênero; significado de ser homem; modificações corporais para construir a sua imagem atual.

Após leituras exaustivas da entrevista, transformada em texto, foi possível compor uma narrativa interpretativa da história de vida do participante e das percepções de si mesmo para compreender como se deu o processo de construção de sua identidade transmasculina, bem como algumas implicações que o reconhecimento da identidade trouxe à sua vida. Os diálogos teóricos se deram com a obra de Paul Ricoeur (2006), para quem o reconhecimento dos sujeitos se desenvolve seguindo um percurso: o reconhecimento como identificação, que é o momento em que os sujeitos se distinguem enquanto humanos com um lugar no mundo. Do autorreconhecimento se estabelece o reconhecimento de si, quando os sujeitos passam a se apontar como indivíduos diferenciados uns dos outros e, finalmente, o reconhecimento mútuo, quando se adota a noção de reconhecimento como noção política, na qual o sujeito se situa como pertencente a uma classe de sujeitos e luta para ter reconhecimento social.

Nosso ponto de vista é que, na experiência da construção da identidade transmasculina, podemos considerar que os significados do reconhecimento dão sentido à experiência, a partir do momento em que se favorece a chamada epifania de gênero de Jaqueline Gomes de Jesus (2013a), no qual se refere ao momento em que uma pessoa trans toma consciência de sua transgeneridade. Ricoeur (2006) nos permite considerar que o sujeito busca atestação de suas percepções de gênero em construtos socialmente validados de masculinidade, dentre os quais destacamos as modificações corporais através de hormonioterapia, a utilização de faixas de compressão do corpo e a adoção de comportamentos e vestuário socialmente definidos como masculinos.

5. Resultados e Discussão

5.1. Identificação

Lucca é um homem trans de 27 anos, negro, heterossexual, professor de história desempregado, que atua como motorista de aplicativo, desde que foi demitido da escola em que trabalhava. Reside em uma casa na periferia da cidade com sua esposa Marina e filha Alice.

O entrevistado se reconhece como homem trans há aproximadamente 2 anos, mas prefere não ser identificado desta forma, tanto por temer pela sua segurança e de sua família, quanto por ter cuidado em relação ao mercado de trabalho, reconhecidamente transfóbico. Durante a entrevista, vestia-se de modo despojado, usando uma bermuda, boné e uma camiseta de futebol. Lucca pediu que sua esposa nos servisse um café e que se retirasse, pois os “homens iriam conversar”. O comportamento sexista dele me chamou atenção e, percebendo o desconforto tanto meu quanto de Marina, anunciou se tratar de uma brincadeira.

5.2. Reconhecimento Social

Compreender que a importância do reconhecimento social pode ser observada quando Lucca fala sobre o desejo de ser visto como um igual pelos homens de sua família. Para o participante, o reconhecimento do outro representa uma atestação de sua identidade de gênero.

Nunca pensei nisso, mas acho que é importante. Não só com os homens da família, mas com os homens em geral, eu gostaria muito de ser visto da mesma forma. Eu me sentiria aceito, me sentiria normal... não normal, no sentido de ter alguma doença ou alguma coisa assim. Mas no sentido de ser só mais um cara como um outro qualquer. (Lucca, 27 anos.)

Para demonstrar como as formas que o processo de autorreconhecimento, percepção de si mesmo e a apreensão da situação social no mundo foram configurados, Lucca se descreveu como um homem:

“[...] calmo, observador, cauteloso, inseguro, procuro não me envolver em conflitos. Já me bastam os conflitos internos.” (Lucca, 27 anos.)

As características utilizadas nesta descrição revelam uma posição distinta, que diverge do comportamento agressivo e competitivo, com o qual o entrevistado teve contato durante a sua socialização familiar, evidenciando um movimento de resistência ao modelo de masculinidade hegemônico. Pode-se compreender que a resistência se relaciona ao não reconhecimento do padrão de comportamento observado em seu pai, seu avô e demais homens da família.

5.3. Autoestima

Lucca menciona ter vivido sob o constante sentimento de insegurança e a presença de conflitos internos com dificuldades em se socializar; tendência ao isolamento e problemas relacionados à depressão, atribuindo estas dificuldades ao modo como o outro o vê. Dessa forma, nota-se que o não reconhecimento pelo outro favoreceu consequências negativas na sua autoestima, em sua vida social, no convívio familiar e no trabalho.

Ah, sei lá (Pausa). Em relação à insegurança, eu tenho problemas pra estar com outras pessoas. Tenho tendência de me isolar, tenho alguns problemas relacionados à depressão, acho que me preocupo muito com o que os outros pensam de mim... essas coisas. Isso interfere em tudo na minha vida, no meu trabalho às vezes eu sou mal avaliado (no aplicativo de transporte) por ser quieto demais, tem gente que me acha mal-educado, brabo, mas é meu jeito. (Lucca, 27 anos.)

5.4. Violência Psicológica Familiar

Lucca descreve a violência psicológica que sua família exerceu durante a sua adolescência, devido à sua expressão de gênero e sexualidade, fazendo com que, em vários momentos, duvidasse da legitimidade de seus sentimentos e de sua própria sanidade. Também mostra a tentativa de utilização da psicologia como instrumento de repressão, quando a família buscou psicólogos para tentar reverter a sua sexualidade e suprimir a sua identidade masculina, conforme declara:

Na minha cabeça isso era muito confuso. Quando eu era adolescente me levavam muito numa psicóloga e eu realmente achava que nada em mim era normal. Que não era normal gostar de mulher, que não era normal eu ter esse jeito masculino... agora eu entendo que a minha família tentou fazer tipo uma cura gay comigo. (Lucca, 27 anos.)

Lucca afirma não possuir em sua família ou em seu convívio um modelo de masculinidade em que pudesse se reconhecer positivamente, mas é possível perceber que os modelos de masculinidade que o participante conheceu foram fundamentalmente importantes para a construção de sua própria masculinidade, uma vez que reconhece as posturas adotadas por eles como atitudes tóxicas e opressoras, que ele não deseja reproduzir.

Acho que eu me inspirei ao contrário: eu via coisas que os homens faziam e eu achava errado, então eu procuro não fazer. Eu convivi a minha vida inteira com homens grosseiros, agressivos, machistas, a minha família é toda assim, cheia de machão, não sabem fritar um ovo, não lavam uma cueca porque acham que a mulher tem que fazer, esse tipo de coisa. Os caras preferem morrer de câncer de próstata porque são muito machos pra fazer exame, os caras morrem, mas não vão pro hospital porque acham frescura. O meu tio morreu do coração com 45 anos porque não quis ir pro hospital, ficou dizendo que hospital era frescura até cair duro no chão. Eu sempre recusei esse tipo de comportamento e não me vejo seguindo esse modelo. (Lucca, 27 anos.)

5.5. O Percurso do Reconhecimento da Transmasculinidade

Sobre o processo de reconhecimento da sua transmasculinidade, revela ter começado a compreender a questão das identidades trans recentemente, mesmo que desde a infância se reconhecesse como um homem. Na adolescência, adotou uma identidade lésbica de expressão masculinizada; a adoção da identidade lhe trouxe um sentimento de conforto e permitiu que ele pudesse vivenciar a sua sexualidade com mais liberdade.

Lucca afirma que entrou em contato com a temática trans em interações em fóruns de discussão na internet, que lhe permitiram contatar outras pessoas trans e, em algum nível, pudesse se identificar com as experiências dos sujeitos. Embora considere a experiência significativa, avalia que ela não foi suficiente para que ele pudesse se reconhecer enquanto homem trans.

Após esta primeira experiência, o entrevistado revela ter vivenciado de fato sua epifania de gênero ao entrar em contato com um homem trans em um evento acadêmico no qual estava sendo abordadas as transmasculinidades. O participante revela ter se reconhecido no discurso do palestrante e nas experiências relatadas por ele,

[...] tudo mudou quando eu vi um homem trans ao vivo pela primeira vez, que numa palestra na Universidade, na faculdade de serviço social, a turma da minha mulher tava na organização. Pois é, ela me convidou pra ir lá com ela e cara, aquilo ali fez a minha cabeça explodir... em alguns momentos, o homem olhava na minha direção, e parecia que tava falando de mim, da minha vida, de como eu me sentia e aí tudo fez sentido. Eu fiquei cheio de dúvidas, saí de lá muito confuso, aquela grande ficha tinha finalmente caído. (Lucca, 27 anos.)

Segundo a narrativa de Lucca, o momento descrito por ele desencadeou uma série de sentimentos até então reprimidos. Podemos acreditar que a experiência da epifania de gênero promove no sujeito o descentramento de si mesmo, considerando-se que a estrutura que ancorava este sujeito ao mundo social foi fortemente abalada. É interessante perceber que a perda do sentido do si mesmo, enquanto sujeito do gênero feminino, potencializa o surgimento de um novo sentido existencial, que toma o seu lugar, agora como sujeito transmasculino.

5.6. O Corpo Vivido

Ao interpretar a relação que o participante estabelece com o próprio corpo, percebe-se que a mesma foi inicialmente orientada pelos parâmetros do dualismo cartesiano, que separa o corpo e a alma como duas dimensões distintas. Na narrativa de Lucca, a compreensão do eu (si) aponta o corpo como um ente completamente dissociado, em conflito, incapaz de expressar a sua subjetividade,

Antes eu sentia como se eu tivesse possuindo um corpo que não era meu, possuindo no sentido de possessão mesmo, como se eu fosse um espírito preso num corpo de outra pessoa. Deixa-me reformular, eu sinto que nasci num corpo que não era meu. Como se o meu espírito não coubesse nesse corpo. Como se o meu corpo fosse uma armadura que me impedisse de me mover, eu sabia que tava ali dentro, eu tinha consciência de quem eu era por dentro, mas eu não tinha domínio sobre ela. (Lucca, 27 anos.)

Podemos compreender que o corpo pré-transição representa o corpo não reconhecido, descrito como o recipiente no qual está contida a essência do sujeito, e não como parte integrante deste. O corpo pós-transição representa o corpo reconhecido, é descrito como o corpo pelo qual o sujeito passa a vivenciar o mundo, tornando-se o corpo vivido:

Agora eu sinto que eu tô no corpo certo; que aquele ali no espelho sou eu de verdade, cada pelinho novo que sai no meu rosto, no meu peito é uma felicidade muito grande. (Lucca, 27 anos.)

A partir desta narrativa podemos perceber que o reconhecimento do corpo representa o reconhecimento de si mesmo. Sobre a percepção da sua identidade, Lucca afirma,

Na minha identidade, internamente eu me identifico como homem trans. Mas eu não fico falando pra todo mundo que sou trans. Eu tenho medo de como as pessoas podem reagir, de sofrer alguma violência. Pra todo mundo eu sou o Lucca, professor de história, motorista, pai da Alice, marido da Marina. (Lucca, 27 anos.)

A expressão *“internamente eu me identifico como homem trans”* usada por Lucca revela que, para ele, a sua identidade de gênero diz respeito ao reconhecimento de si mesmo, ao modo como ele se vê: um homem trans. Ao mesmo tempo, a palavra simboliza que compreende a sua identidade de gênero como uma experiência íntima, que não diz respeito ao outro. Desse modo, embora o reconhecimento do outro seja importante, não interfere diretamente na vivência íntima, como o sujeito percebe a si mesmo.

Lucca demonstra o desejo de ser reconhecido como homem, independentemente de sua transgeneridade, sinalizando que sua subjetividade não se resume a uma identidade de gênero, mas é construída a partir de múltiplos aspectos de sua vivência pessoal, profissional e afetiva, observados nos marcadores sociais: professor, marido, pai e motorista.

Ao longo da entrevista, Lucca relatou os sentimentos de medo e insegurança que desenvolveu, após a sua transição de gênero. Ambos associados a uma possível violência física, que poderia

atingi-lo e a sua família, ocasionado pela deslegitimação social do seu gênero, o que o colocava em um estado de tensão e constante vigilância em relação aos padrões de masculinidade performada.

5.7. Expectativas do Comportamento Masculino e Paternidade

Lucca revelou ter sentido a necessidade de reproduzir um comportamento opressivo para que pudesse ser reconhecido como homem, sobretudo, por outros homens. A importância do reconhecimento mútuo, buscada na expressão de seu corpo hormonizado,

A sociedade tem um padrão muito alto em relação ao homem. Eu me sinto muito cobrado a ser um cara agressivo, um cara grosso mesmo. Muita gente acha que eu sou gay e eu já cheguei a sofrer homofobia por ser considerado meio viadinho, até mesmo por outros homens trans. No começo, quando eu não tomava hormônio ainda, isso me machucava muito... porque pra eu ser aceito eu tive que dar uma engrossada, precisei repetir comportamentos que eu abominava, precisei me fazer grosseiro, me fazer bruto pra ser considerado um homem. Hoje eu não ligo, se querem achar que eu sou gay, tô nem aí. (Lucca, 27 anos.)

Embora Lucca possua consciência em relação às imposições de gênero, percebemos que sua narrativa ainda se mostra marcada pela *cisnormatividade*, quando ele atribui uma maior legitimidade à masculinidade cisgênera em detrimento da masculinidade trans. A internalização do discurso padrão dos homens hererossexuais pode ser identificado quando o participante demonstra temer a possibilidade de sua filha descobrir que ele não é seu pai biológico, utilizando-se do termo “pai de verdade”. A escolha do termo indica a crença de que existe uma masculinidade referencial verdadeira, que configura a paternidade. A base da mesma é *cisgênera*, produtora do que é legítimo, e a não legitimidade de gênero.

A gênese da internalização deste discurso são as diversas violências psicológicas sofridas ao longo da vivência da transmasculinidade. E que deseja evitar questionamentos da filha sobre a “verdadeira” paternidade,

Ela ainda é um bebê quando chegou; agora que ela tá com 3 anos; ela não tem nem idade de entender nada. Ela tá acompanhando tudo aos poucos. Quando eu comecei a me identificar como homem ela tinha um ano, tava aprendendo a falar ainda. Ela sempre soube que eu era o papai, aprendeu a me chamar de papai, me ver como papai, assim que saiu os documentos novos eu corri pra registrar ela, porque tava só no nome da Marina. Mas me preocupo com o dia que ela souber que o pai dela não é o pai dela de verdade, que eu sou trans. Tenho medo da maldade das pessoas em relação a isso, por isso que eu quero pegar elas duas e ir embora daqui e começar uma vida nova longe de toda essa gente ruim. (Lucca, 27 anos.)

5.8. A Percepção da Transfobia

Um dos objetivos propostos nesta pesquisa buscou investigar a percepção dos participantes a respeito da transfobia. Neste sentido, Lucca revelou ter vivenciado situações de transfobia em diferentes âmbitos da vida, sendo a mais significativa no âmbito do mercado de trabalho. O parti-

cipante narrou as dificuldades de se manter no mercado de trabalho após ter perdido o emprego, segundo ele, após ter assumido socialmente a sua transgeneridade. Esta experiência fez com que ele entrasse em contato com um tipo de opressão nunca imaginada, a transfobia institucional.

Dificuldades financeiras mesmo, eu tinha um emprego muito bom... eu dei aula por muito tempo numa escola particular e quando eu pensei em iniciar a transição, cheguei na minha coordenadora e falei tudo... achei que ela seria compreensiva, mas ela me mandou embora no final do ano letivo, ela disse que os pais dos alunos reclamaram e tal. Isso me desestabilizou muito, vi muitas portas se fechando, como eu te disse o mercado engole que tu seja sapatão, mas não aceita que tu seja um trans.

Hoje em dia eu sou uber, dou aula particular e me viro como posso pra sustentar a família, minha casa, pagar aluguel. A minha esposa trabalha num órgão público, mas é temporário e o que ela ganha não dá pra tudo. (Lucca, 27 anos.)

A partir da narrativa do participante, podemos perceber que este tipo de violência e a perda do emprego provocaram uma desestabilização na vida do participante, tanto de sua vida financeira quanto em seu sentimento de autoestima.

O participante asseverou que a experiência da transgeneridade não produziu nele nenhum tipo de transtorno de ordem social, como afirmam os manuais diagnósticos; mas reconhece que o principal causador de sofrimento psíquico na pessoa trans decorre da transfobia e da violência a que pessoas trans estão submetidas,

Tem alguns meninos que eu conheço que desenvolveram alguns transtornos por ter sofrido algum tipo de violência física ou sexual. Mas ser um homem trans não cria isso, o que cria estes transtornos todos é a sociedade, a transfobia. Se o mundo fosse um lugar mais tolerante a gente não vivia com medo, não tinha depressão. (Lucca, 27 anos.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se a construção das identidades psicológicas como um fenômeno dinâmico e contínuo, que se inicia a partir de uma experiência de reconhecimento, localizamos epistemologicamente este estudo no Percurso do reconhecimento proposto por Paul Ricoeur, em obra homônima. Nossa hipótese compreende que o fenômeno da transmasculinidade é percebido a partir de uma hermenêutica de si mesmo, uma vez que, a partir de uma aporia fundamental (quem sou eu?), se passa a reinterpretar a trajetória de vida em busca de elementos que possam dar sentido à identidade psicológica atual.

Iniciamos a compreensão da masculinidade trans enquanto um percurso e identificamos que a experiência do reconhecimento se inicia pela identificação. Para compreender o sentido do fenômeno da transmasculinidade, os entrevistados precisaram conhecê-lo. Desta forma, podemos dizer que, ao apreender o significado da transmasculinidade, os participantes sofrem a primeira sensibilização a respeito do tema e se inicia o processo do reconhecimento. Percebemos que, neste momento, o recém-descoberto sentido da masculinidade trans fornece aos partici-

pantes uma ressignificação dos termos homem e mulher, e, conseqüentemente, apresenta a estes sujeitos uma nova compreensão de si mesmos.

Ao reconhecer o termo homem trans, é retomado o sentido de algo já conhecido, no caso, o termo homem; que era compreendido culturalmente como o macho da espécie humana, cuja estrutura anatômica é descrita pelas ciências biológicas como o ser dotado de um aparelho reprodutor masculino etc.; dando-lhe um novo sentido que se opõe à determinação biológica e, portanto, reconhecendo-o (no sentido de conhecer novamente) a partir de novos elementos de ordem social e cultural e não mais biológica.

Voltando-se ao reconhecimento de si, podemos perceber que, a partir desta experiência, o sujeito passou a identificar elementos em sua trajetória pessoal que dão pistas de que, em alguns momentos de sua vida (no passado e/ou no presente), se ajustaram à nova compreensão da identidade homem. Neste sentido, destacamos a importância da memória e da imaginação na constituição da identidade psicológica destes sujeitos.

Utilizando-se do dispositivo da memória, o participante relembra situações significativas em seu passado; utilizando-se da imaginação, presentifica estas experiências passadas reinterpretando-as de acordo com a compreensão atual de si mesmo. É importante salientar que estas novas interpretações não atuam na produção de memórias falsas, mas o recurso imaginativo é utilizado para construir o sentido presente da sua experiência de reconhecimento.

Considera-se que a constituição da identidade subjetiva dos indivíduos se dá nos primeiros anos de vida e ocorre conforme a uma experiência de reconhecimento. Ao nascer (ou mesmo antes do nascimento), os indivíduos são reconhecidos, primeiramente, como filhos, recebem um nome, um sobrenome, uma atribuição de gênero e são localizados em uma posição na estrutura familiar.

Apesar de arbitrária, esta primeira experiência de reconhecimento norteia a constituição do sujeito: eu sou Maria, filha de José e Francisca, irmã de João e sou um membro da família Silva. A partir destes marcadores iniciais, Maria constrói sua identidade subjetiva e de gênero, reconhecendo-se e sendo reconhecida mutuamente. No caso de uma pessoa trans, podemos interpretar que esta forma de reconhecimento não ocorre de forma mútua, uma vez que os indivíduos, apesar de reconhecerem a relação parental, a alteridade dos demais membros da família e os papéis que cada um deles representam na estrutura familiar, não reconhecem a si mesmos da forma que lhes é imposta, não se reconhece/identifica no gênero que lhe foi atribuído ao nascimento, no nome que recebeu e nem no papel que deve desempenhar na dinâmica familiar.

Ao se identificar como um homem trans, o sujeito passa a reivindicar um reconhecimento a partir de uma identidade masculina. É possível perceber como o autoreconhecimento é reiterado com elementos da própria vivência destes sujeitos, que, reinterpretados, constroem uma narrativa sólida que dá sentido existencial a esta experiência. Dessa forma, Podemos interpretar que, ao evocar em seu passado elementos que deem sentido à sua identidade de gênero, os sujeitos parecem buscar uma atestação de sua identidade de gênero, portanto, o reconhecimento de sua experiência, seja para si ou para o outro.

A narrativa do participante nos leva também a uma outra interpretação. Na infância, tendo apreendido os significados culturais de gênero, compreendeu que não se identificava com o gênero designado ao nascimento, passando a se identificar com o gênero oposto. Podemos con-

cluír, desta forma, que o reconhecimento da identidade transmasculina ocorre através de uma experiência de desconhecimento, de uma não identificação com a identidade feminina e simultaneamente através de uma identificação a partir de uma identidade masculina.

Embora possamos considerar a importância das vivências anteriores à transição de gênero na construção da subjetividade transmasculina, para fins deste estudo, consideramos que a experiência do reconhecimento da identidade transmasculina se inicia somente após o momento que o sujeito conhece os significados dos termos transexualidade, transgeneridade ou transmasculinidade, passando a se identificar com eles.

Através das narrativas de Lucca, é possível compreender que a identificação com a história de vida de outros homens trans se constituiu como uma importante experiência de reconhecimento, pois, ao entrar em contato com estas narrativas, puderam identificar vivências semelhantes às suas, desta forma, compreendemos que a experiência do reconhecimento de si também se dá por meio do reconhecimento no outro, e que, ao reconhecer o outro, reconhecemos a nós mesmos.

Podemos concluir, portanto, que a busca por reconhecimento se constitui como uma questão muito importante para os homens trans, sendo que esta questão se faz presente por toda a vida da pessoa, desde que ela se reconhece como uma pessoa trans.

A transfobia a que estão sujeitos os homens trans representa a mais significativa forma de desconhecimento na vida destes homens, pois é o que impede que eles sejam reconhecidos como homens, como sujeitos capazes e mesmo como seres humanos. A negativa do reconhecimento é utilizada para justificar a violência impetrada contra estes sujeitos, de modo que a luta por reconhecimento deixa de ser somente uma forma de resistência a um sistema opressivo, mas passa a se apresentar como uma estratégia de sobrevivência. Então, o desejo por reconhecimento não diz respeito somente a uma questão de identidade de gênero, mas a uma questão de humanidade e de direitos.

No interesse em ser reconhecido, observamos que, em situações específicas, o participante sentiu-se pressionado a performar estereotipações de gênero. A adoção destes comportamentos se justifica pela necessidade de se adequar a uma leitura social masculina, diante das constantes ameaças de deslegitimação de gênero geradas pela cis-heteronormatividade e pelo culto à masculinidade que pressionam os homens (cisgêneros e transgêneros) a se afastar de tudo aquilo que é culturalmente relacionado ao feminino.

Deste modo, é seguro afirmar que homens trans não estão isentos de reproduzir o machismo, uma vez que estes valores estão de tal forma imbricados no seio da sociedade que, mesmo conhecendo os efeitos desta opressão, estes homens, em algum momento, serão cobrados a reproduzi-los, seja para se sentirem aceitos perante os demais homens, seja para receber algum tipo de validação de sua masculinidade.

Concluimos compreendendo que a negativa do reconhecimento intersubjetivo e do menosprezo social provocam no indivíduo um grave dano psíquico e emocional, destruindo os sentimentos de confiança e estima por si próprio.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. 'Homens Trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio-ago. 2012.
- AVILA, S. *Transmasculinidades: A emergência de novas identidades Políticas e sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2014.
- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BRITO, G.F.; DE PAULA, J.V. A masculinidade e a ideologia: A socialização masculina. *OPSI*, Catalão, v. 13, n. 2, p. 173-188 - jul./dez. 2013.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero - feminismo e subversão de identidade (1990)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- CONNELL, R.W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, v. 2, n. 20, p. 185-206, 1995.
- DICIONÁRIO AURELIO. *Gênero*. Versão Digital.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade do saber*. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1988.
- GARCIA, L.F. *Nuevas masculinidades: discursos y prácticas de resistencia al Patriarcado*. Quito: FLACSO Ecuador, 2015.
- GASPODINI, I.B.; NERY, J.W. Transmasculinidades: provocações introdutórias. In: DIFANTE, E.M.S.; PICHLER, N.A.; GUIMARÃES, W. (Org.). *Filosofia, homoafetividade e mulheres: questões emergentes*. 1ed. Passo Fundo (RS): Méritos, 2014. v. 1, p. 75-90.
- JESUS, J.G. *Transfeminismo: Teorias e Práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.
- JESUS, J.G. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. *Anais Eletrônicos*. Florianópolis, 2013.
- JESUS, J.G. Crianças Trans: Memórias e Desafios Teóricos. III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. *Anais eletrônicos*. Salvador - BA, 02013a.
- JESUS, J.G. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional, 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadesesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2019.
- KENNEDY, N. Crianças Transgênero: Mais do que um desafio teórico (Transgenderchildren: more than a theoretical challenge). *Cronos*, v. 11, n. 2, p. 21-62, 2010
- LEONARDO, R.C.; ATHAYDE, T.; POCAHY, F.A. O conceito de cisgeneridade e a produção de deslocamentos nas políticas feministas contemporâneas. In: V SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES. *Anais*. 2014. Rio de Janeiro, Anais. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA2_ID903_17072017205519.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.
- PIMENTEL, A.; CASTRO, E.H.B.; MIRANDA, D. Compreensão fenomenológica existencial da identidade de homens trans. *Estudos contemporâneos da subjetividade*, v. 8, n. 2, p. 228-239, 2018.
- PIMENTEL, A. Interrogar Masculinidades em Belém do Pará. *Contextos Clínicos*, v. 4, p. 1-10, 2011.

PIMENTEL, A. Configuração da Violência Psicológica Intrafamiliar em Belém do Pará. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8. *Anais Eletrônicos*. Florianópolis, 2008.

RICOEUR, P. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2006

SAFFIOTI, H.I.B. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. *Luta Sociais*, n.2, p. 59-70, 1997.

SCOTT, J.W. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

VALE DE ALMEIDA, M. Masculinidade - verbete. In: MACEDO, A.G.; AMARAL, L. *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Edições Afrontamento, 2005. p. 122-123

SAVOIA, MG. *Psicologia social*. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.